



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • [seer.ufrgs.br/NauLiteraria](http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria)  
ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 08 N. 01 • jan/jun 2012  
**Dossiê: A Cidade e o Romance Contemporâneo**

## Na fluidez da modernidade, identidades à deriva: “eu” e “outro” em *Budapeste*, de Chico Buarque

Carina Dartora Zonin\*

**Resumo:** Neste artigo, propomos refletir acerca do romance *Budapeste*, de Chico Buarque. Através da trajetória do personagem central, José Costa, analisaremos aspectos específicos da modernidade, especialmente, a questão da identidade. Para tanto, os estudos de Zygmunt Bauman a esse respeito serão de fundamental relevância.

**Palavras-chave:** laços humanos; mundo degradado; modernidade; fluidez; identidade.

**Abstract:** In this paper, we propose to reflect on the novel *Budapeste* by Chico Buarque. Through the trajectory of the central character, José Costa, analyze specific aspects of modernity, especially the question of identity. To this end, studies of Zygmunt Bauman, in this regard will be of fundamental importance.

**Key-words:** human ties; degraded world; modernity; fluidity; identity.

Como o panteísta se sente árvore e até flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu posticho.

Fernando Pessoa.

### 1 O humano e o mundo líquido-moderno: algumas considerações iniciais

Com um estilo próprio, Chico Buarque compõe um texto que nos faz ver o desvendar do ser-humano através de labirintos que o cercam e o anulam enquanto sujeito, através de percursos que o levam a ver-se refletido no outro, numa relação que tende a omissão de traços particulares, deixando-nos a mostra uma identidade multifacetada e abalada por esferas sociais que a estigmatizam. Neste estudo, propomos evidenciar esses caminhos através da trajetória do personagem José Costa, revelando, especialmente, as constantes projeções do outro (espaço exterior, físico, social, econômico, investido na autoridade de uma organização

\* Professora substituta no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Sertão. Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS, especialista em Literatura Brasileira e em Estudos Linguísticos do Texto pela mesma instituição.

e/ou de um indivíduo) sobre o eu (espaço interior, abstrato, subjetivo, conservador de traços intrínsecos, particulares ao sujeito), no romance *Budapeste*.

A instabilidade generalizada fragiliza o indivíduo e revela caminhos que o eu percorre na constante busca de sua autoafirmação, perpassando relações autoritárias entre sujeitos. Dessa relação de poder, importa pensarmos na complexidade que envolve a questão da identidade no mundo moderno, marcada, sobretudo, nas e pelas relações humanas. Neste sentido, refletir acerca das identidades em (des)construção, eixo central de nossa investigação na trama narrativa, implica observá-las diluídas em episódios e/ou em peripécias representativas, responsáveis, nesta abordagem, por tangenciar algo recorrente, dando um passo à frente na problematização e no aprofundamento da discussão em torno do tema gerador. Dizemos, então, que a afirmação-negação da identidade se infiltra em mecanismos representativos da atividade humana, tais como o trabalho de criação literária (discussão da autoridade do artista-criador sob o objeto da criação – a noção de autoria; conflitos entre literatura e mercado), as relações entre sujeitos e destes com a cidade moderna (o desapego e/ou a falta de tempo para o cultivo dos laços de afetividade, sólidos e duradouros; o interesse capitalista sob todas as coisas - o humano na condição de ser-objeto; a sensação de estraneidade, de desconforto do eu perante o mundo).

Desta forma, pensaremos a condição humana num período em que as transformações atingem sua voltagem máxima, havendo a perda da permanência e uma aceleração para a descoberta do novo. Neste contexto, os laços humanos se fragilizam e o sujeito se sente aflito por se descobrir no mundo, como se tivesse que construir sua identidade para não perecer no tempo. Assim, a modernidade instala um conflito existencial e um enfrentamento entre indivíduo e sociedade numa constante que oscila entre ser, numa esfera de espaço e tempo, e não-ser, isto quando estas esferas se revelam superiores e tendem ao apagamento do eu. Tais esferas perpassam o meio social, cultural, político, econômico, num determinado momento histórico. E, para vermos tudo isso com mais nitidez, recorreremos às reflexões de Bauman (2005), especialmente em seu texto *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*.

No romance, o personagem central vive num espaço-tempo desarticulado e em constante oscilação, sentimos a inconstância e o desapego como traços particulares do comportamento de José Costa. Ao mesmo tempo, tais características abalam o sujeito que busca, aflitivamente, algo em que se apegar para se revelar enquanto tal. Assim, surgem encruzilhadas que povoam a vida do protagonista: as mulheres e as cidades (Vanda e Kriska; Rio de Janeiro e Budapeste), ou seja, as relações inter-humanas e o contexto histórico-social e cultural. Dessa envoltura, vemos sobressair José Costa e Zsoze Kósta, nomes que representam

a busca pela individualidade, por uma identidade que se perdeu nas faces do outro. Afinal, quem é o nosso personagem de estudo? Como podemos vê-lo e qual é a sua verdadeira face? Quais são as esferas que a definem e/ou a estigmatizam? Hora de encaminharmos o desenvolvimento.

## 2 Um e outro - José Costa e Zsoze Kósta – facetas de um mesmo eu?

A instauração do personagem na transitoriedade de suas relações se mostra através de um fator central, a saber, a questão da linguagem. Efetivamente, a fala identifica e forma indivíduos, é um traço de identidade, é um meio que permite ao ser-humano limitar-se enquanto sujeito no mundo. José Costa representa a força inventiva e criativa, é a voz literária buscando espaço, à espera da luz, enquanto, ainda, a sombra insolúvel assalta e oculta o mundo mágico-maravilhoso da criação.

Levando em conta que o eu se constitui através do outro, e sendo essa uma relação necessária para a nossa autoafirmação, lemos *Budapeste* como um texto que a explora e a constitui, muitas vezes, por laços capazes de negar o humano e de disfarçar e/ou aniquilar o verdadeiro e mais puro eu dos sujeitos. Nosso personagem é, constantemente, influenciado por forças alheias que, para caracterizá-lo enquanto sujeito no mundo, acabam tornando-o reflexo dessas projeções e deixando-o vazio de si – uma espécie de oco dentro do oco. Ou seja, os meios pelos quais busca sua ascensão sofrem abalos dos mecanismos internos e ativos da cultura que os subvertem. Passam, inevitavelmente, por esta engrenagem estratificante, uma espécie de filtro que extrai o excesso de pureza e autenticidade até o ponto de admitir sua passagem ao mundo real – o que, em certa medida, explica a sua realização anônima pelo fascínio incontrolável perante a palavra imaginada, criada e, portanto, original, autêntica.

E, assim, José Costa é tragado por esse mundo do não-ser tanto que lhe incomoda estar em evidência; supostamente, prefere o anonimato, vive a passividade de quem não contraria um sistema pré-estabelecido<sup>1</sup>. É o mundo de pessoas-objetos que impede a desenvoltura do humano e faz com que ele viva uma projeção de si através do outro, numa relação de subordinação: “(...) ver minhas obras assinadas por estranhos me dava um prazer nervoso, um tipo de ciúme ao contrário. Porque para mim, não era o sujeito quem se apossava da minha escrita, era como se eu escrevesse no caderno dele” (BUARQUE, 2003, p. 18). Na

---

<sup>1</sup> A fuga contínua do embate cara-a-cara com a realidade opressora é fortalecida nos encontros de escritores anônimos, em que José Costa e/ou Zsoze Kósta se revela escritor, romancista, poeta. Ali, liberto das amarras do tempo, das máscaras, dos estigmas, o ‘eu’ inconstante, múltiplo, literário, então, revela-se, mais uma vez, porém, num espaço paralelo, irreconhecível ao mundo da vida como a autoria de seus escritos.

sua voz, a pressão latente do meio intransigente, da vida disfarçada que o faz refém e, aprisionado, dá vida a personagens transitórios, impostores de si mesmo: “Meu nome não aparecia, lógico, eu desde sempre estive destinado à sombra, mas que palavras minhas fossem atribuídas a nomes mais e mais ilustres era estimulante, era como progredir de sombra” (BUARQUE, 2003, p. 16).

Ao mesmo tempo, os recursos estilísticos permitem que o narrador aluda a fatos-chave sem se ater a desenvolvê-los linearmente, submersos que estão na instabilidade recorrente. De cara, o início do texto *in media res*, lança-nos num dos conflitos centrais da trama, a saber, a eterna busca de identificação na e pela linguagem. Deste modo, somos guindados à teia narrativa em curso que, aos poucos, se vai desdobrando e nos enovelando à trama, tornando-nos cúmplices, atores e/ou agentes, dos episódios reais-ficcionais que nos cercam por todos os lados - não há como fugir, afinal, a vida líquido-moderna está em pleno palco. Tônica da encenação, ela vai disseminando a porosidade das relações intersubjetivas, de onde os laços autênticos saem fragilizados, tencionando um apagamento do eu frente ao outro, tal como na relação entre José Costa e Kriska:

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano [...] telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... Havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone (BUARQUE, 2003, p. 5).

Rejeição, estranhamento, estagnação; a linguagem como uma porta que se abre ao fascínio desolador, misto de atração e repulsão, corda bamba através da qual se inscrevem as peripécias do protagonista; meio pelo qual ele se identifica como sujeito e, cruelmente, meio que apaga os seus próprios contornos. Ela, a linguagem, representa uma projeção de si através do outro, uma imagem que se constitui de sombra e que, por isso mesmo, não pode ser reconhecida como tal, não pode existir individualmente, formando, no desenrolar da narrativa, um movimento circular, de eterna dependência.

É, para tanto, através da voz de José Costa que percebemos o caráter fragmentário e frágil das relações entre sujeitos; é através do seu dizer que observamos as constantes peripécias pelas quais é envolvido, levando-nos a ver a tessitura complexa que tende a subversão do que temos de mais intrínseco, a nossa capacidade de expressão. Na tentativa de Ser, a trajetória de José Costa nos revela uma força contrária que entranha o mundo e a alma dos personagens que, ao ignorar a essência subjetiva pela máscara descartável (estigmas sociais, etiquetas, rótulos), são eles também vítimas de um sistema fechado e aniquilador que

encerra em si qualquer chance de vitória do sujeito. José Costa vive num mundo que não o reconhece, mas que aproveita e desvirtua suas potencialidades, causando, inevitavelmente, sua frustração, por ser impossível sua realização numa relação de compra e venda:

Discursos de campanha remuneravam bem, mas me deixavam insatisfeito, infeliz mesmo. Muitas vezes o orador atropelava as passagens que eu mais prezava, não hesitando em saltar parágrafos inteiros caso a agenda estivesse cheia ou o sol forte. E intrometia de supetão uns arrebatamentos da cabeça dele, que os populares aplaudiam, depois largava a papelada no palanque para o vento levar (BUARQUE, 2003, p. 16).

Os personagens que o cercam fortalecem a ideia de apagamento do eu frente ao outro, são potenciais negativos que desestabilizam as chances do vir-a-ser, a salvo da visão distorcida e escamoteada. Álvaro e Vanda – e depois Kriska - representam um universo desprovido da lucidez capaz de enxergar, no outro, valores humanos. São, antes de tudo, indivíduos estereotipados submersos numa sociedade que se volta para o ter em detrimento do ser; são incapazes da mínima demonstração de sensibilidade para com o outro, sentimento que percorre o pensamento de José Costa:

Para mim valiam como exercício de estilo aquelas monografias e dissertações, as provas de medicina, as petições de advogados, as cartas de amor, de adeus, de desespero, chantagens, ameaças de suicídio, textos que eu mostrava ao Álvaro antes de limpar o arquivo. Ele espiava a tela e falava gênio, gênio, pensando noutras coisas, o Álvaro nunca pensava exatamente no que estava olhando. E a Vanda implicou com ele logo no início do nosso namoro, referia-se ao Álvaro como o vampiro, porque chupava meu talento [...] Dizia isso por me querer bem, não aos meus escritos, que ela não lia, Vanda nem sabia direito que espécie de escritor era eu (BUARQUE, 2003, p. 15).

Da relação entre José Costa e Álvaro é possível perceber um tipo de amizade que se sustenta pelo interesse; o lucro aproxima e distancia as pessoas, transfere ao plano econômico os elogios exacerbados e o simples descaso, isto quando deixa de valer a pena qualquer tipo de investimento: Álvaro ignora e/ou descarta o amigo por não lhe servirem mais textos de encomenda quando estiver trabalhando na assessoria de um deputado parente seu. Se refizesse as contas, quem sabe, cobraria ainda algum discurso de campanha e a narrativa ganharia, com isso, mais voltas em torno do circuito asfixiante que o persegue – ousadia da nossa imaginação dando vazão à personalidade manipuladora de Álvaro.

Eis que, sob a redenção e o silêncio do mais fraco, o mais forte vence: Costa sente e sabe de sua condição de subordinação e não reage contra o sistema que lhe é imposto, ao contrário, muitas vezes, o que sentimos é o seu sufocamento, a anulação de sua integridade, de seus valores intrínsecos que o identificam enquanto sujeito no mundo. Sob sua vida rege o ‘peso da confiabilidade’. Ele vive em função de um meio que o estigmatiza e subverte os valores intrínsecos pela supremacia das relações de interesse, sejam elas econômicas, políticas, mercadológicas, etc. Relembrando a noção de autoridade, Álvaro é o escolhido, é

aquele dotado de um poder social e econômico que fala mais alto no sistema democrático-capitalista, chamando a si as rédeas do jogo, numa espécie de monopólio do saber que brinca ao subverter todos os limites a seu bel-prazer:

[...] o Álvaro adestrava o rapaz para escrever não à maneira dos outros, mas à minha maneira de escrever pelos outros, o que me pareceu equivocado. Porque minha mão seria sempre a minha mão, quem escrevia por outros eram como luvas minhas, da mesma forma que o ator se transveste em mil personagens, para poder ser mil vezes ele mesmo. A um aprendiz, eu não me negaria a emprestar meus apetrechos, vale dizer meus livros, minha experiência e alguma técnica, mas o Álvaro tinha a pretensão de lhe transmitir o que era mais que propriedade minha (BUARQUE, 2003, p. 23).

O direito sob a vida profissional de José Costa e o que ele representa é ditado por uma relação autoritária que se origina ainda quando Álvaro investe na formação acadêmica de Costa e, para uma sociedade capitalista, ele fomenta, literalmente, o seu aprendizado e exerce influência sobre ele. Quando ele monta a agência, a ideia de um negócio em sociedade é escamoteada pela relação que se institui: a falta de reação de Costa revela muito mais a necessidade de retribuir um favor ao amigo do que uma relação de igualdade e de mútuo crescimento. O estilo buarqueano de narrar recorda o realismo de Machado de Assis, investido da tonalidade satírica do discurso de fachada, indecoroso e dissimulado, de onde o próprio humano passa de um ser-objeto útil para um ser-objeto descartável.

Neste sentido, ícone dos laços degradados, a relação de amizade entre Álvaro e Costa, desde o início, vem marcada pela negação: para Álvaro não interessa saber de sua vida, não há uma base sólida pela qual vão se criando as feições, as afinidades. É um começo movido mais por uma conquista individual e/ou por um interesse material: Álvaro quer o seu talento como mercadoria; também há uma troca de favores: Álvaro financia os estudos e Costa lhe presta serviços. Nesta engrenagem, contudo, as relações humanas são passageiras e banais, entrecortadas por propósitos individuais, que subvertem os valores, sejam eles de amizade, de afetividade, de cumplicidade, de responsabilidade mútua. Ainda, a fragilidade dos laços humanos vai além do círculo de amigos, instala-se na vida dos que, ao menos em tese, compartilham um relacionamento ‘a dois’, tal como se passa na relação ‘afetiva’ entre José Costa e Vanda: no dia do aniversário dela, ele viaja para o congresso anual de escritores anônimos; nas férias de Vanda, um viaja para Budapeste e outro para Londres. As relações humanas são frágeis e se marcam mais pelo desencontro, pois se desfazem a qualquer preço. É num derramamento desmedido de descasos que a trama vai desaguando até não poder mais... E, inevitavelmente, chegamos a um dos momentos mais cruéis da narrativa. Extasiados, talvez até comovidos, paramos um pouco diante da imagem moribunda de um corpo definhando de frio às margens do território alheio:

[...] cheguei me arrastando ao portão de Kriska. Toquei o interfone, rezei para que ela me respondesse, chovia forte e eu estava ensopado. [...] Crispei o rosto, cerrei os olhos, meti o queixo no peito, enquanto tivesse fôlego eu poderia baforar meu peito, aquecê-lo um pouco com meu vapor. A friagem nas pernas também se acentuava, porque eu não sentia mais as pernas, que de repente se dobraram, não sei como. Caí de joelhos e dei com a testa nas grades de ferro do portão, mas o choque não me doeu, somente seu som repercutiu dentro da minha cabeça. Depois tive a sensação do sangue morno me descendo pela cara, e pensei que naquela posição daria para dormir um pouco. Assim estava quando ouvi às minhas costas um motor de carro, portas batendo, umas risadas, passos, ouvia a voz de um homem: e isso agora o que é?, e uma voz de mulher: é o indivíduo de quem te falei, e o homem: a infeliz criatura está a beira da morte, e ela: está à beira da morte o indivíduo em meu portão (BUARQUE, 2003, p. 122).

Nesta passagem, a desconsideração pelo outro é mais chocante. Ao invés da sensibilização de sentimentos, o que prevalece é o descaso. O acolhimento de Kriska reforça a total repulsa pelo diferente e o estrangeiro é submetido a viver, precariamente, numa despensa, num canto inabitável da casa, propício ao armazenamento de coisas que, muito embora ainda tenham um valor de uso agregado, ficam, muitas vezes, ali jogadas, esquecidas, desprezadas. As coisas estão ali, imóveis e inativas, à espera de um interventor que as mobilize. Dentre elas, José Costa; um ser coisificado, marginalizado, que aguarda a misericórdia de seus pares, único meio capaz de restituir sua passagem de volta à sociedade. Em palavras mais ásperas, José Costa é um ser-objeto bruto, ainda não-civilizado, que necessita um exame de consciência para voltar ainda mais resignado e submisso ao novo *habitat*, predisposto a começar do zero – um pensamento que o fascina pela ideia incutida do ‘novo’ e o (re)coloca na ordem de um bom discípulo do mundo moderno, uma presa fácil. E, sob o olhar do artista-criador, da matéria cotidiana que o cerca, impura e desprezível, brota a leveza que o faz transcender em planos mais elevados, plenos da pureza poética imortal:

Para esquecer aquelas palavras, talvez fosse necessário esquecer a própria língua [portuguesa] em que foram ditas, como nos mudamos da casa que nos lembra um morto. Talvez fosse possível substituir da cabeça uma língua por outra, paulatinamente, descartando uma palavra a cada palavra adquirida. Durante algum tempo minha cabeça seria assim como uma casa em obras, com palavras novas subindo por um ouvido e o entulho descendo por outro (BUARQUE, 2003, p. 120-121).

Retornando, sem mais delongas, ao mundo prosaico, imperfeito por excelência, nada escapa ao desgaste do tempo. Não há, pois, como fugir e o pensamento da hora, de que vivemos num mundo globalizado, só aumenta a intensidade das falsas esperanças: as portas se abrem dando a ilusão da passagem à luz e se fecham revelando, afinal, um mundo às escuras. O trabalho, ao invés da promoção inclusiva do indivíduo à sociedade, subverte a condição de sujeito e o meio de valorização das habilidades peculiares gera mais exclusão, reclusão.

A ideia do novo como possibilidade de ascensão esconde a mesma essência precária, incapaz de salvar o homem de sua condição de ser-desenganado. Assim, tanto a oscilação

entre as cidades – Rio de Janeiro e Budapeste – quanto entre os espaços de trabalho – Cunha & Costa e Clube das Belas-Letras – levam o ser ao nada. As mesmas peripécias retornam em voltagem máxima: se, no Rio de Janeiro, José Costa sofre constantes mutações que ora distinguem ele-em-casa buscando superar a rotina<sup>2</sup> e reconstituir elos de afetividade abalados por relacionamentos distantes e pouco sólidos, ora ele-no-trabalho sendo um homem instrumento do homem que, facilmente, apaga-se para outro brilhar, em Budapeste não será diferente. O aprendizado de uma nova língua representa uma chance de sua (re)constituição enquanto sujeito, numa relação de construção-anulação de identidade, já que para ser Zsoze Kósta terá que deixar de ser José Costa, terá que apagar de sua interioridade os contornos que o delimitam para poder ser outro: “Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige” (BUARQUE, 2003, p. 6).

Em qualquer um dos pólos, espacial ou linguístico, sua subjetividade permanece anônima, com o agravante, estreito e objetivo, que, ao negar a possibilidade de ‘nascer de novo’ pela rejeição da velha condição existencial, potencializa, mais uma vez, a modernidade fluída que vai se infiltrando e povoando a cidade, o mundo e o próprio homem. José Costa procura, aflitivamente, uma saída e o faz em vão, pois a nova epidemia o invadiu por-dentro, ser da matéria, frágil e desenganado, filho de um sistema que o faz vítima – pai de uma geração de ocultados: “Foi aí que, despojado de amor-próprio, engravidei a Vanda” (BUARQUE, 2003, p. 22). E, num instante oco, vazio, fatigado de ausências, vivendo a fluidez do mundo moderno, dão vida à forma insegura e medrosa: Joaquinzinho é fruto dos laços deteriorados que aproximam Vanda e José Costa, será outro ser anônimo e solitário que, privado da célula familiar, tampouco, é capaz de identificar o próprio pai, quando adulto. O sangue que corre nas veias é antes movido pela fúria do tempo do que pelo traço genético que faz pulsar sentimentos inexplicáveis que, uma vez constituídos, jamais se esfacelam. Nem mesmo para o amor gestacional, concebido na relação entre pais e filhos, prevalecem laços autênticos.

Joaquinzinho, filho de uma geração de ocultados, guarda os rancores da indiferença, bombas-relógio sujeitas à explosão, sinal de perigo, apenas. É ele o herdeiro do fardo pesado que José Costa carrega... Indiretamente, Pisti entra na conta da geração desenganada, não esquecendo que a modernidade agride a todos e se infiltra no interior de toda uma existência.

---

<sup>2</sup> Em todos os episódios, há pistas de monotonia, traços recorrentes que o cercam por todos os lados. Nada escapa ao olhar aglutinador do artista-criador – nos referimos aqui àquele que, preliminarmente, está fora da narrativa –, que endossa de liquidez cada detalhe dos pilares que sustentam a história: se, no Rio, temos a Vanda lhe oferecendo, constantemente, um prato de sopa; em Budapeste, Kriska lhe oferece, repetidas vezes, um espaguete à bolonhesa.

São dois mundos fechados, que se refletem mutuamente na constituição de uma esfera circular que não oferece saída a ninguém que dela participa. Um, constituído, então, por José Costa, Vanda e Joaquinzinho e, outro, por Zsoze Kósta, Kriska e Pisti. Estes espaços individuais reproduzem as mesmas tensões sociais e o protagonista parece (re)viver as mesmas peripécias, numa espécie de espelhamento delas, o que reforça o caráter circular da obra e a sensação de que, efetivamente, retomando o pensamento marxista, vivemos num tempo em que tudo o que é sólido se torna líquido e, como tal, não se mantém vivo; é uma espécie de líquido que tende à evaporação, à inexistência (MARX; ENGELS, 1995).

Da prosa à poesia, a possibilidade de ascensão continua inacessível, pois o tempo é o mesmo, degradado e inautêntico. No Rio, compôs a autobiografia de Kaspar Krabbe, intitulada *O Ginógrafo* e, em Budapeste, Zsoze Kósta passa a se expressar em nova língua e em nova forma; parece imobilizar o poeta Kocsis Ferenec e, com isso, protagoniza o final do livro de poesias: *Tercetos Secretos*. É Zsoze Kósta poeta através de Kocsis Ferenec. José Costa é um ser de múltiplas faces desconhecidas e incorpora, no dizer de Wisnik (2010, p. 1), em seu texto *O autor do livro (não) sou eu*, “[...] a carreira secreta do escritor anônimo, profissional-serviçal da imagem alheia”. Ao dar vida à criação, a imagem do autor fica sitiada em prol do voo independente e individual da matéria viva. E, em terra alheia, a sensação de estraneidade, própria de alguém que está fora de um espaço fechado, retorna com força para além do próprio universo criativo: o autor anônimo, pai de um outro ser autônomo, é o indivíduo marginalizado, à beira da morte perante uma sociedade que expulsa o diferente, o ser-objeto estranho, desconhecido, inominável.

Tanto no Rio como em Budapeste, nosso personagem vive condenado à sombra. Os sentimentos, bons e ruins, ele os vive através do outro, de um personagem que aqui representa o sujeito que ele não é, ou que não pode ser. Sente ciúmes ao ver estampado em *O Ginógrafo* uma dedicatória de Kaspar Krabbe à Vanda, ou melhor, à Wanda. Esta suposta intimidade, dada pela admiração de Vanda pelo livro, era para ser sua e aqui fica claro que nem tudo é passível de ser objeto de troca:

Daí meu estupor ao saber da sua boca que ela lera meu livro, não uma, mas três vezes. E menos mal que estivesse tão apressada, e nem me olhasse ao dizer o que disse, porque naquele instante me portei como um amador. Devo ter enrubescido, mordi meu lábio inferior, meus olhos se encheram de água, tive pena e orgulho de mim, era como se duas palavras dela reparassem sete anos de descaso [...] absolutamente admirável (BUARQUE, 2003, p. 103-104).

As idas e vindas do personagem, entre Rio de Janeiro e Budapeste, reforçam as inquietações forjadas pelo mundo moderno, em que o indivíduo deixa de ser simplesmente e necessita, a todo o momento, de um amparo ou outro para vir-a-ser. No Rio, passado algum

tempo, já não restam pistas de quem tenha sido José Costa, o tempo acelerado vive do futuro, da imagem imprecisa e indefinível que tudo pode, que tudo resolve. Tampouco sobrevivera *O Ginógrafo* nas prateleiras das livrarias, faltam-lhe motivos reais, concretos que o dignifiquem enquanto sujeito no mundo. José Costa está fora do sistema, inexistente para a sociedade capitalista, é um ser nulo e improdutivo. Os laços se deterioram com o tempo: o trabalho, a família, os amigos, nada permaneceu. No hotel, vive à margem e corre o risco de ser despejado por não pagar as diárias: “Não utilizava o telefone, não acendia mais meu abajur, o 707 vivia às escuras” (BUARQUE, 2003, p. 161). Em nada parece terminar sua trajetória na terra-mãe. Parece ser o fim da linha para o nosso personagem.

Eis que bate à sua porta uma nova esperança – é um telefonema do cônsul da Hungria – um chamado à viravolta que não ultrapassa a ilusão de ótica do real: há um passo do sonho construído da identidade autêntica, o mesmo devaneio desestabiliza. À ideia do novo se esconde o paradigma da proclamação da independência que, afobada, sempre chega antes do amadurecimento necessário da própria essência que, contudo, continua velha e caduca. E, mais uma vez, ressurgue a esperança, cujo desfecho não desmente o peso da realidade. O que lhe aguardava era um mundo ao contrário, que se anunciava por voz alheia: José Costa, ou melhor, Zsoze Kósta era autor de *Budapest*. Ele é inserido no mundo da glorificação e do espetáculo, passa a ser reconhecido, a ser visto e admirado como sujeito não por características próprias, mas pela suposta imagem que fazem dele. Em seu íntimo, a sensação áspera e cruel de um ser negado: “Eu não sabia o que estava acontecendo, aquela gente à minha volta, eu não tinha nada a ver com aquilo. Eu queria devolver o livro, mas não sabia a quem, eu o recebera da Lantos Lorant & Budai e fiquei cego” (BUARQUE, 2003, p. 167).

Há para Kósta um falso autor, alguém que lhe toma o papel para escrever sua própria história, falsifica o vocabulário e dá vida a sua autobiografia. É num mundo às avessas que se desenvolve a identidade de José Costa, ou melhor, de Zsoze Kósta e, definitivamente, é através do outro que se manifesta quer para o anonimato, quer para a glorificação de si. De nada adiantou esperar pelo reconhecimento devido, pelas autorias anônimas; nada adiantou falar que não era o verdadeiro autor de *Budapest* e, outra vez, uma voz alheia lhe dita o caminho...: “Meus passos se tornaram vagarosos, eu ia aonde me conduziam, eu já sabia o que me esperava, era como se meu livro continuasse a ser escrito” (BUARQUE, 2003, p. 171).

Kriska o reconhece graças ao livro, sentido material que supera a percepção de sua interioridade abalada. Kósta atende a um pedido seu e passa a ler a história, sentindo o fervor de suas identidades em (des)construção. Aqui, efetivamente, o indivíduo à margem é o artista-criador que dá vida a um mundo alheio, que se omite enquanto é parte inerente e constitutiva

do espaço que, de praxe, o repulsa pela ilusão imanente da tão sonhada independência. Nosso personagem é, definitivamente, o autor descaracterizado, que vive às escuras e que na sombra projeta o que tem de mais pessoal e intrínseco: a sua capacidade de expressão. É através dela que revela o seu jeito peculiar, o seu eu mais verdadeiro e puro num mundo condenado a enxergar estes traços por caminhos antagônicos e que, muitas vezes, não reconhece além... E o artista-criador, zeloso por reconhecimento, cede aos encantos da história aonde se inscreve:

E a sós com ela, na meia-luz do quarto esfumaçado, cheguei mesmo a me convencer de ser o verdadeiro autor do livro. Eu usufruía os fraseados, a melodia do meu húngaro, eu me deliciava com minha voz. [...] Rápido, Kósta, mais rápido, falava Kriska [...] Então moveu de leve uma perna sobre a outra, deixando nítido o desenho de suas coxas debaixo da seda. E no instante seguinte se encabulou, porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo que o livro acontecia [...] (BUARQUE, 2003, p. 174).

No final, fecha-se o círculo e, outra vez, retomamos o movimento de luz e sombra, de libertação e opressão, de revelação e apagamento, de ascensão e estagnação, a que se submete o sujeito no mundo contemporâneo. O indivíduo e a busca por sua identidade é o centro da trama; as diversas facetas – José Costa e Zsoze Kósta; Rio de Janeiro e Budapeste, Vanda e Kriska; Joaquinzinho e Pisti; *O Ginógrafo* e *Tercetos Secretos*; Kaspar Krabbe e Kocsis Ferenc; Cunha & Costa e Clube das Belas-Letras; Budapeste e Budapest – reforçam este enfrentamento do eu na busca de sua identificação no mundo. De permeio aos episódios, o contraste entre realidade e fantasia revela-nos, ora, um mundo real, sem alicerces e desajustado, ora, um mundo possível, em que a subjetividade se realiza. Estes mundos, no entanto, se chocam, se misturam, se confundem, por vezes, na trama: ao que tudo indica, os sujeitos parecem completos, mas sempre falta alguma coisa... “[...] eu pensava que Budapeste fosse cinzenta, mas Budapeste era amarela” (BUARQUE, 2003, p. 11).

### **3 Incontrolável enchente, liquidez transbordante: Bauman e a composição buarqueana**

Alicerces enfraquecidos e o mundo, em suspenso, vive, proliferando inconstância às criaturas, presas ao imprevisível embalo. Seguindo, os líquidos vertendo, infiltrando-se, vão corroendo, impiedosamente, a base sólida de sustentação; a terra, então, arenosa, suga, sem misericórdia, as pegadas e os rastros omissos já não guardam recordações dos que caminham. Como é difícil ‘ser’ num mundo assim sitiado! “Os líquidos diferentemente dos sólidos não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 08). Enquanto isso, segue, latente, o efeito alucinógeno e ilusório da satisfação plena que nunca chega. Mesmo assim, continuamos –

afinal, não podemos perder o trem da história... E aqui, precisamente, José Costa retorna em nós pela mesma impressão de que permanecemos, o tempo todo, correndo atrás dele, oh! fugidia esperança!

Eis que, então, pagamos o preço e embarcamos na marcha desenfreada da modernidade líquida... No romance, todos, maciçamente, constituem o corpo da máquina em movimento, são peças transitórias, vítimas de uma aceleração esmagadora que os jogam, facilmente, fora da mobilidade fluída que opera a troca dos seres-objetos úteis, sempre sujeitos à marginalização pelo simples descarte vindo a compor o lixo urbano, salvo se houver uma mão misericordiosa que os (re)aproveite, mesmo que em suportes secundários e pouco visíveis, garantindo uma aparição mínima na máquina do mundo moderno-globalizado. E, outra vez, a imagem de um corpo moribundo, definhando de frio no portão de Kriska, nos vem à mente. Efetivamente, os laços humanos não mais se constituem por afetividade. É tempo de homens sós que, como José Costa, alimentam relações frágeis, baseadas em trocas de favores e que sofrem oscilações, de aproximação ou distanciamento, dependendo do interesse de quem se aproxima. Sobre a relação indivíduo-sociedade, entrecortada pela liquefação dos sentimentos humanos, Bauman nos diz que:

‘Derreter os sólidos’ significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o ‘nexo dinheiro’ [...] (BAUMAN, 2001, p. 10).

O caráter ético da vida social é, constantemente, absorvido e descartado das relações individuais. O pensamento de que o indivíduo já nasce sujeito e cidadão parece esquecido em prol da necessidade de construção da identidade, pois “os seres humanos não mais ‘nascem’ em suas identidades” (BAUMAN, 2001, p. 40). O mundo fechado é, assim, o da passagem das relações sólidas e duradouras para as líquidas e momentâneas; dos padrões de segurança, alicerçados pela tradição, aos tempos de liberdade total. Mas, o que fazer quando a liberdade não traz segurança?

José Costa vive numa sociedade cujos laços humanos se constituem por conveniências e se desmancham ao passo que deixam de importar. Ele é um ser livre num mundo sem limites, desajustado e que, portanto, descarta o verdadeiro eu dos sujeitos, aquele capaz de conservar os traços mais intrínsecos e característicos do ser humano. Essa mudança de base social, que transita do sólido ao líquido, dos tempos de forte incidência de costumes à contemporaneidade, foi motivada pela ruptura com a tradição, privilegiando o apego ao novo.

A rigidez da ordem cede espaço à liberdade, ou melhor, a uma ilusão de liberdade. Costa representa um indivíduo solto num espaço-tempo flexível em que a fluidez está tanto para o indivíduo quanto para as relações sociais, tornando estratificada toda e qualquer ação que se mova em direção de uma constância, visto que “os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social” (BAUMAN, 2001, p. 14).

O indivíduo nasce à solta; o ser, simplesmente, não garante nada e a segurança que se procura é atestada pela identidade, esta que, para Bauman (2005), é uma convenção socialmente necessária. É a dimensão social que vale para o vir-a-ser. Em pólo oposto da hierarquia social, dos que constituem e desarticulam as suas identidades, mais ou menos, à própria vontade, estão, conforme Bauman (2005, p. 44), os “[...] que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar”. Desta relação de poder, resta pensar para o mundo moderno a retração de forças descentralizadoras e estratificantes agindo sobre a centralização dos valores em estado de pureza, uma espécie de fusão do antigo no novo, da tradição na modernidade, da permanência na marcha desenfreada em direção à novidade. Assim, imaginamos um *continuum*, que vai da estagnação absoluta à ascensão absoluta do indivíduo e suas crenças, cuja realização efetiva acontece pela miscigenação de características intrínsecas dos pólos antagônicos. Nesta conta, José Costa e/ou Zsoze Kósta representa o indivíduo marginalizado pelo sistema, enquanto que Álvaro e Kriska, pelas pistas deixadas no romance, revelam certa autonomia nas decisões, estas não menos poluídas pela liquidez que deteriora logo a seguir. São eles, também, os heróis problemáticos da sociedade moderna, com o agravante que ameniza a dominação e favorece o domínio, ilusório, é claro. De qualquer modo, os personagens pendem, em massa, à ponta que nega a livre ascensão do sujeito.

Embalados pelo fluxo incontido e abundante sob o qual recai o mundo moderno, os personagens, sujeitos históricos e ideológicos, oscilam entre liberdade e estagnação, entre o apego ao novo e a desistência prematura. José Costa busca ser livre numa época em que os valores autênticos são substituídos por valores degradados, impedindo a sua ascensão em qualquer espaço. Assim, segue sobrevivendo numa espécie de roda-viva, em que para sentir-se sujeito tem que abrir mão da realidade. E, acompanhando o pensamento sociológico de Bauman ao mundo moderno de *Budapeste*, faz valer a máxima da incompletude: você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma outra coisa, entretanto, você precisa mais do que falta.

“Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18-19). José Costa parece sofrer de outro mal, a que se liga a noção de identidade pelo sonho de pertencimento. Afinal, em qual das fronteiras espaciais nosso personagem se distingue como sujeito? Para esta discussão, Bauman volta a problematizar questões relevantes:

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaiam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. [...] Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa (BAUMAN, 2001, p. 19-20).

De um modo mais geral, interessa para a discussão a questão da identidade nacional, que, segundo os estudos de Bauman (2005), teria nascido da crise de pertencimento e que, para nós, faz todo o sentido se recordarmos o contexto romântico de pensamento, espaço do inabalável orgulho pela cultura local, tempo do culto exacerbado, o nacionalismo, a tradição. No entanto, na contemporaneidade globalizada, em que prevalece um mundo sem fronteiras, esta discussão é relativizada. Na obra, sentimos que o personagem não se vê por inteiro em nenhuma das instâncias e, embora haja uma identificação maior com o espaço nacional, ele procura se desprender para adquirir nova feição, em um novo contexto. E, em sua fala, o atravessamento de várias linguagens, de vários mundos que o habitam e o deixam com facilidade:

No meio de uma aula podia me acontecer de pensar no Pão de Açúcar, digamos, ou num menino careca fumando maconha, ou na Vanda chegando de viagem, a Vanda perguntando por mim, a Vanda enrolada numa toalha branda, mas se Kriska me surpreendesse desatento, batia palmas e dizia: a realidade, Kósta, volta à realidade (BUARQUE, 2003, p. 68-69).

Este desprendimento caracteriza o comportamento moderno, contribuindo para a sensação de liberdade que, muitas vezes, volta como problema. A ideia de nacional se vincula ao particular, ao pitoresco, enquanto que, no mundo moderno, estes traços são apagados pela ideia de universalidade. Neste mundo, vasto e ilimitado, é que José Costa procura se encontrar. Falta-lhe, pois, um princípio a que se apegar para a construção da identidade, tal como rege o mundo moderno. Para tanto, o critério de nacionalidade é pouco viável, assim como são os de família, estado, igreja, etc. Não esquecendo...

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um ‘objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente

inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2001, p. 21-22).

Essa constância, como um círculo vicioso, engana e não satisfaz. “Quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso” (BAUMAN, 2005, p. 30). O ser já não existe mais para o natural e o simples e, sim, busca se encontrar no mundo artificial e complexo que o envolve. Os grupos sociais dos quais participa nosso personagem são frágeis, em que é fácil entrar e logo ser abandonado. Tampouco podem essas relações dar substância à identidade pessoal e, pelo contrário, elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu. Os laços de afetividade que unem os grupos sociais funcionam como comunidades guarda-roupa, “[...] reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Diferentemente dos vagabundos urbanos de Simmel, como posteriormente os *flâneurs* de Baudelaire/Foucault, conforme nos mostra Bauman, nós, indivíduos do mundo moderno, vivemos em busca de um espaço de identificação, enquanto que, em outros tempos, isto já estava posto, mesmo para os mais simples personagens. Na sociedade líquida, não há espaço para permanência de valores e/ou princípios e ao indivíduo cabe acompanhar o movimento acelerado, procurando assegurar, mesmo que não por muito tempo, a sua identificação com um determinado grupo social. No mundo novo, das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente, não funcionam: “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Em José Costa, a busca por sua identidade pressupõe segurança, esta também ilusória e de duração limitada. A sua influência por Kriska e Budapeste representa o que Bauman nomeia de o ‘identificar-se com...’, que significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. Isto é o que sentimos à medida que José Costa se torna Zsoze Kósta e Budapeste se torna Budapest e, ironicamente, a própria história do personagem. Afinal, quem é ele? Poderíamos dizer, levando em conta os estudos de Bauman (2001; 2005), que é um indivíduo moderno, totalmente desapegado aos valores e que deseja sentir-se sujeito nas relações que estabelece.

Nesta perspectiva, estar fixo, ser identificado de modo inflexível, é algo impraticável em nossos dias. Uma das saídas viável, porém improvável de acontecer na realidade estanque, estaria na rejeição de identidades que nos são impostas, evitando, assim, estereótipos, estigmas, rótulos. Na trama, Costa se liberta da opressão no encontro de escritores anônimos, fortalecendo a ideia de que no plano real isto é impraticável e que a vida autêntica está para um segundo plano. Buarque problematiza o indivíduo totalmente preso à engrenagem do mundo moderno, que dela não pode desprender-se, falar e ser ouvido.

Justamente pela negação do que lhe é mais intrínseco, podemos pensar o personagem como pertencente à ‘identidade da subclasse’ que, segundo Bauman (2005), envolve os que foram abolidos de individualidade, são pessoas sem rosto, sujeitas ao desrespeito ético e moral. Um dos bens mais particulares lhe é concedido por caminhos inautênticos, subvertendo o reconhecimento digno de quem escreve: a autoria. A rejeição do humano pelo não reconhecimento da individualidade é uma das tônicas do romance e, ao mesmo tempo, constitui uma crítica feroz ao sistema capitalista moderno, alicerçado pelos ideais republicanos. Efetivamente, vivemos num mundo democrático e excludente, livre e hierárquico, que inspira justiça, igualdade, fraternidade, humanidade, mas que se deixa envolver pela ambição, pelo individualismo e pelo movimento acelerado da máquina. Neste contexto, em que a esperança logo se transforma em degradação e a ordem em desordem, será possível construir um tempo de todos os homens? É para isto que caminha José Costa, mas quantas vezes terá ainda que recomeçar?

#### **4 Na confluência do diálogo, a unidade em fragmentos: algumas reflexões conclusivas**

Em nossa leitura, procuramos perceber como se revela a trajetória do personagem central de *Budapeste*, tendo-a como representativa das tensões sofridas pelo indivíduo no mundo moderno. Para tanto, consideramos a relação literatura-sociedade sob a luz do pensamento crítico de Zygmunt Bauman. Efetivamente, constitui-se numa obra viva, que nos (re)coloca, constantemente, em curso, na busca angustiante por reconhecimento e que, a todo o momento, nos faz pensar se nos encontramos ou se nos perdemos. Afinal, onde estamos? O certo é que “[...] não há como dizer quando uma sucessão de eventos chegou ao fim, ou em que ponto termina: a história humana permanece obstinadamente incompleta e a condição humana, subdeterminada” (BAUMAN, 2005, p. 49).

O personagem de estudo representa o indivíduo pensante que, tampouco, é ouvido, é o ser da ideia, da essência, que passa sem ser visto. A velocidade do mundo, contudo, impede

que se realizem reparos vitais e, pelo caminho, muitos Josés são deixados para trás, com suas individualidades problemáticas, sujeitas ao apagamento definitivo. A ideia de liberdade em oposição à opressão é ainda inspiração para o mundo moderno que, tampouco, a concretizou: quando a referimos é como uma condição que está por vir. “[...] uma vez livres, as pessoas se tornariam politicamente interessadas e ativas, e por sua vez promoveriam efetivamente a equidade, a justiça, a proteção mútua, a fraternidade...” (BAUMAN, 2005, p. 49).

Efetivamente, convivem no líquido mundo moderno forças antagônicas que, a cada momento, nos (re)colocam em pleno curso na busca desenfreada por um eu a quem nos identificar. José Costa é o indivíduo imerso nesta busca efêmera, que representa um mundo que também é nosso. Ele expõe o medo de ser descartado pela sociedade e busca restituir os valores perdidos para não perecer no jogo autoritário. Enquanto isso, a trama se esforça em prol da esperança e o personagem sofre uma espécie de mutação: José Costa renasce Zsoze Kósta, refazendo a esperança que, mesmo por caminhos inversos, insiste em manter viva a luz que procura ver no mundo velho e caduco traços de modernidade e desenvolvimento, de coletividade e humanidade, de liberdade e fraternidade, prontas a serem vividas num amanhã. Quem sabe!

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BUARQUE, Chico Buarque de. *Budapeste*. 2 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 1995.

WISNIK, José Miguel. *O autor do livro (não) sou eu*. Disponível em: <<http://www.ig.com.br/paginas/hotsites/chicobuarque/wisnik.html>> Acesso em: 26 mar. 2010.